

# ***O Grito do Povo: a mulher revolucionária sob a ótica dos quadrinhos***

**Enviado em:**  
12/06/2013

**Aprovado em:**  
17/11/2013

**Natania Aparecida da Silva Nogueira**

Mestra em História  
Universidade Salgado de Oliveira  
natanianogueira2010@gmail.com

---

## **Resumo**

As histórias em quadrinhos têm surgido como fonte e referência para estudos em diversas áreas, inclusive na História, pois são fontes culturais que carregam informações valiosas para a historiografia. Como uma expressão de um determinado contexto histórico, os quadrinhos podem ser vistos como representações e testemunhos e nos revelam práticas culturais, sociais e ideológicas. Também têm valor didático-pedagógico que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, uma forma de lazer e um recurso de formação. Na presente pesquisa, usaremos histórias em quadrinhos, ou romance gráfico, que constroem representações de mulheres-soldado. A partir delas, pretendemos compor um estudo acerca da participação feminina em momentos decisivos da histórica ocidental, em especial francesa, culminando com o episódio da Comuna de Paris.

68

## **Palavras-Chave**

Comuna de Paris, mulher, representações

## **Abstract**

The comics have emerged as a source and reference for studies in diverse areas, including history. They are cultural sources that carry valuable information for historiography. As an expression of a particular historical context, comics can be seen as representations and statements and reveal the cultural, social and ideological practices. They also have didactic-pedagogical value that allow them to be at the same time, a form of leisure and training resource. In this research, we will be using comic books, or graphic novel, which construct representations of female soldiers. From them we intend to compose a study of female participation in decisive moments in Western history, particularly the French, culminating in the episode of the Paris Commune.

## **Keywords**

Paris Commune, woman, representations

## **Introdução**

Quando se fala em revolução, uma das imagens que pode vir à nossa mente é de um conflito armado, no qual oponentes (em geral insurgentes e representantes do poder constituído) lutam até a morte. Todos eles homens, claro. Mas, a revolução é um monopólio masculino? Não havia, também, mulheres revolucionárias que, de alguma forma, contribuíram para mudanças na sociedade?

É preciso esclarecer que entendemos como revolução transformações complexas em vários aspectos da vida social, cultural e política e consideramos revolucionárias todas as mulheres que rompem com padrões impostos, abraçam a militância política ou, simplesmente, vão às ruas protestar contra injustiças sofridas. Essas mulheres foram, cada uma à sua maneira e dentro do contexto em que viveram, revolucionárias no sentido em que rompem em algum momento com a dominação masculina.

Apesar do que afirma a história tradicional, as mulheres estão presentes nos conflitos e nos grandes movimentos que marcaram a nossa época. Historicamente, foi-nos passada uma imagem da mulher vitimizada. Ela sofre violência e abusos, vive em constante vigilância de pais e maridos ou confinadas em conventos. As heroínas que figuram nos livros de história são poucas e constituem uma imagem fora dos padrões, que não pode ser reproduzida ou imitada por outras mulheres. Criaturas raras, exceções a uma regra muito rígida: mulheres não são capazes de lutar como os homens. Talvez elas não precisem ser como eles, afinal, ou talvez possam encontrar outras formas de combater e mesmo de superar os homens num campo de batalha.

Não podemos esquecer as donzelas guerreiras, que povoam até hoje a literatura: jovens, fictícias ou personagens reais, que enfrentaram preconceitos para lutarem ao lado dos homens. Na Espanha, podemos citar a Monja Alferes, cujo nome era Catalina de Erauso, que fugiu do convento ainda adolescente, disfarçou-se homem, tornou-se soldado e viveu muitas aventuras na América, antes de ser descoberta (GALVÃO, 1998: 13). Na própria França, temos a lendária Joana D'Arc, que liderou com sucesso os exércitos do rei contra os ingleses.

As mulheres-soldado são personagens reais que foram obscurecidas e cuja memória se procurou apagar. Na obra em quadrinhos *O Grito do Povo*, Jacques Tardi e Jean Vautran revelam-nos o mundo das mulheres combatentes durante o episódio da Comuna de Paris, transportando-nos por meio dos quadrinhos a um

momento da história em que as mulheres guerreiras se tornariam um dos símbolos da resistência do proletariado.

Mulheres do povo, mulheres da vida, elas são protagonistas de micro eventos que ajudam a compor um quadro maior de um movimento revolucionário. E a nossa história mostra que as mulheres podem ser tão revolucionárias quanto os homens.

Nas páginas que seguem, faremos uma análise do papel da mulher em importantes acontecimentos da história europeia, culminando com o movimento da Comuna de Paris. Nossa referência é uma história em quadrinhos que retrata e descreve momentos cruciais daquele movimento e que nos oferece representações femininas únicas, capazes de suscitar um amplo debate sobre o papel da mulher na sociedade.

Os quadrinhos se inserem no âmbito da História como objeto e fonte de pesquisa. Eles oferecem ao pesquisador a possibilidade de identificar, analisar e compreender as representações sociais, as apropriações, discursos e ideologias presentes em um dado contexto histórico. Tal como o livro, os quadrinhos são um produto da cultura material.

70 Seus autores incorporam o papel de produtores culturais, e o leitor, por sua vez, no ato da leitura, produz, ele próprio, cultura. A leitura dos quadrinhos é, portanto, uma prática cultural, que se estabelece a partir da transmissão (narrativa) e da recepção (leitura). Segundo Moacyr Cirne, os quadrinhos - enquanto discurso narrativo e como expressão dominante de uma prática criativa - elaboram modelos pensados pela ideologia incorporando desta forma em sua estrutura elementos sociais, políticos e existenciais, por exemplo (CIRNE, 1972: 18).

Pesquisar a história nos quadrinhos é, também, um exercício de memória. O resgate da memória por meio dos quadrinhos surge como uma forma de se colocar novos olhares sobre o passado, sobre atores históricos cujas realizações ficaram obscurecidas ou foram, propositadamente, ignoradas pelas gerações futuras. Segundo Eisner (2008:19), uma imagem é uma “memória ou experiência gravada pelo narrador”. Enquanto memória, os quadrinhos tornam-se uma fonte de informações que podem ser utilizadas de formas variadas pelo historiador. Ao mesmo tempo, eles são um produto cultural, um objeto de estudo que deve ser analisado a partir de critérios pré-estabelecidos, que levem em consideração os objetivos do leitor/pesquisador.

## **As *citoyennes* e a Comuna de Paris nos quadrinhos de Tardi**

As mulheres estiveram presentes em muitos dos movimentos que ajudaram a moldar a sociedade ocidental, mas nem sempre sua presença e sua participação ativa receberam o devido reconhecimento. Tanto na historiografia quanto nos registros documentais, elas foram, em muitos momentos, ocultadas. Legalmente, quase não existiam, uma vez que a elas eram negados os mesmos direitos que os homens.

Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, que não tem mais sexos do que a Humanidade. Célebres – devotas ou escandalosas – as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, boas apenas para a revista *História* (PERROT, 2005: 197).

Durante muito tempo as vozes das mulheres foram silenciadas pela história e essa mesma história, na atualidade, procura por essas vozes perdidas, resgatando a memória de mulheres que foram, também, sujeitos históricos ativos.

O espaço público pertencia ao homem, enquanto que a mulher deveria ser relegada ao espaço privado. Segundo Bourdieu (2010: 41), dentro da lógica da dominação masculina, cabia ao homem, no espaço público, realizar todos os atos espetaculares, que exigissem riscos e bravura, ações nas quais pudesse fazer valer suas habilidades e força física superiores. À mulher, relegada ao espaço privado, atribuía-se os trabalhos domésticos, privados, invisíveis e vergonhosos, sujos, monótonos e mais humildes.

Mas é fato que a presença feminina em revoltas e conflitos armados sempre foi uma constante e que as mulheres tiveram um papel importante durante diversos eventos, como na Revolução Francesa. É possível imaginar que no século XIX elas também se evidenciariam em outros momentos marcantes da história europeia e mundial, assim como também estariam demarcando seu espaço na política e na sociedade.

No século XIX, a mulher está no centro de um discurso abundante, repetitivo, obsessivo, amplamente fantasioso. Se os homens ditam as regras na sociedade e se são eles que estabelecem os padrões de comportamento considerados aceitáveis, o constante apelo às mulheres ao cumprimento de seus deveres levanta algumas

hipóteses. Inicialmente, é preciso analisar esses discursos que são, em geral, normativos e limitadores. Se eles existem é porque a norma precisa ser imposta, seja por meio das leis, seja pelo controle dos comportamentos e estabelecimento de normas morais mais rígidas.

Se a mulher deve ser lembrada de sua função materna e conjugal isso se deve ao fato de que algumas (ou quem sabe muitas) anseiam por mais do que isso. As operárias eram constantemente lembradas de que sua função é temporária e seu trabalho de qualidade inferior. De fato, a concorrência com o trabalho feminino assusta e ameaça muitos homens. Assim, os fortes lembram, constantemente, os fracos da sua inferioridade para que eles se convençam disso.

Embora o discurso oficial continuasse insistindo no papel recitado da mulher, na sua permanência no espaço privado, ela está determinada a sair do anonimato. Talvez por isso a sociedade burguesa, que na primeira metade do século XIX estava em processo de consolidação, tenha reforçado esse discurso repressor, que enaltece o papel de esposa e mãe.

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços a seu ponto máximo. Seu racionalismo procurou definir estritamente o lugar de cada um. Lugar das mulheres: a maternidade e o lar a delimitam totalmente. A participação no trabalho assalariado é temporária, ritmada pelas necessidades da família, que comanda remunerada com um salário complementar, condicionada às tarefas chamadas de não-qualificadas, subordinadas e tecnologicamente específicas (PERROT, 2005: 198).

Então, é possível dizer que o século XIX acolhe em seu seio diversas representações masculinas e femininas, tantas quantas são as ações, pensamentos e atitudes dos homens e mulheres que viveram naquele período. E, se as mulheres ainda são insistentemente colocadas no anonimato, se foram silenciadas pela história, isso não significa necessariamente que não deixaram sua marca.

Mas, as revolucionárias que emergem na Paris da década de 1870 não são as mesmas que tomaram as ruas da capital quase um século antes, durante a Revolução Francesa. As cidadãs parisienses que apoiam a comuna possuem outros interesses e desejam a igualdade que lhes foi negada pela Revolução de 1789. Elas aproveitam esse momento revolucionário para tentar superar as restrições de gênero existente na sociedade. Essas mulheres ativistas também aproveitaram para buscar mudanças econômicas, sociais e políticas (EICHNER, 2003: 69).

Elas formaram clubes políticos e sindicais, editaram jornais e marcharam pelas ruas. Entre essas revolucionárias, a liderança consistia principalmente de burguesas radicais. As mulheres da classe trabalhadora lutavam contra a sua exploração econômica, marginalização no ambiente de trabalho e contra a sua subordinação na família (EICHNER, 2003: 69).

Throughout the siege, women formed clubs and committees, in which they articulated and often put into practice, their visions for addressing their problems. As part of freedom of assembly established with the republic, republican clubs convened all over Paris (STEWART, 2006: 170)<sup>1</sup>.

Muitas *citoyennes* (cidadãs) foram influenciadas por uma nova ideologia, o socialismo. Muitas delas abraçaram o anarquismo e a luta armada. Essas socialistas feministas lutaram para reafirmar sua posição ideológica individual, desafiaram as desigualdades de gênero, as hierarquias de classe e o poder da Igreja. Dentre elas, algumas acabaram se destacando, como Elisabeth Dmitrieff, Louise Michel, Nathalie Lemel, Paule Mink e André Léo.

73

Paule Mink, por exemplo, criticava abertamente o casamento e defendia o divórcio. Acusava a Igreja de oprimir as mulheres - transformando-as em seres subservientes - e de, junto com o capitalismo, defender a concentração de renda (EICHNER, 2003: 73). André Léo defendia um programa socialista de inclusão, envolvendo homens e mulheres, trabalhadores e camponeses (EICHNER, 2003: 76). Considerava a falta de instrução, consciência política e de classe uma ameaça ao socialismo. Para Léo, era preciso abrir as mentes de homens e mulheres, para que juntos construíssem uma sociedade mais igualitária. Sua luta ultrapassou os ideais da Comuna.

Oradoras, jornalistas, mulheres soldados, enfermeiras e tantas outras encontram no socialismo o suporte para reivindicações feministas que encontrariam eco nos anos e no século seguinte.

As *citoyennes*, representadas muitas vezes de forma caricatural nos jornais da época, possuíam muitos rostos e muitas histórias. Elas foram muito mais ativas

---

<sup>1</sup> Durante o estado de sítio, as mulheres fundaram clubes e comitês nos quais articularam, e frequentemente colocaram em prática, suas visões a respeito do problema. Como parte da liberdade de reunião estabelecida pela república, clubes republicanos espalharam-se por toda Paris (tradução livre)

e participativas do que outras mulheres, em épocas anteriores. Elas vivem um novo contexto, buscam uma nova ordem social, na qual a igualdade e a liberdade ganham novos significados à medida que avança o século XIX. São essas mulheres nosso objeto de análise na obra de Jacques Tardi, *O Grito do Povo* (*Le Cri Du Peuple*), uma adaptação em história em quadrinhos (na França, chamadas de Bande Dessinée) do romance de Jean Vautran. O romance se passa durante o episódio da Comuna de Paris e nos apresenta uma série de personagens fictícios que vivem os dramas e mazelas da revolução.

O título da obra, que originalmente foi produzida em quatro volumes em língua francesa, é uma referência ao jornal “O Grito do Povo”, fundado por Jules Vallès e Pierre Denis, em 22 de fevereiro de 1871. Esse foi o jornal mais lido pelos insurgentes durante o período da Comuna de Paris. É possível encontrar na história em quadrinhos uma passagem na qual um parisiense lê tranquilamente o jornal. O próprio Vallès aparece e participa da história. Os quadrinhos estabelecem um diálogo entre ficção e realidade e a história enriquece a narrativa.

Nos quadrinhos, estão as representações do real ou daquilo em que se deseja transformar a realidade. Citando Douglas Kellner e sua teoria da Pedagogia Crítica Dialética,

74

(...) a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo em que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas através de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia.” (KELLNER, 2001: 10).

O episódio da Comuna de Paris pode ser considerado a conjunção de uma série de fatores, tais como: a pobreza da população francesa, sacrificada pela guerra Franco-Prussiana; a efervescência das ideias socialistas; a insatisfação do povo francês; a humilhante rendição francesa e a própria memória da Revolução de 1789.

Apoiada pela Guarda Nacional, a classe operária tomou o poder em Paris, em 28 de março de 1871, substituindo o governo republicano. O povo assume o poder e instala a Comuna de Paris, composta por noventa pessoas eleitas pelo voto universal masculino. O governo comunal era formado por representantes



dos vinte sub-districtos, escolhidos pelo povo, num número aproximado do setenta delegados (MENDES, 2011: 42).

Sou um partidário da Comuna de Paris, que, por ter sido esmagada, sufocada em sangue pelos verdugos da reação monárquica e clerical, não por isso deixou de se fazer mais vivaz, mais poderosa na imaginação e no coração do proletariado da Europa; sou seu partidário em grande parte porque foi uma negação audaz, bem pronunciada, do Estado (BAKUNIN, 2006: 80).

Foi a primeira vez que os trabalhadores tiveram acesso direto ao poder. Mesmo em sua derrota, a Comuna representou um novo momento da história ocidental, um golpe em antigas instituições que, durante muito tempo, estiveram no poder.

O Romance de Vautran irá se desenvolver nesse ambiente revolucionário e os protagonistas serão soldados, prostitutas e operários. Pessoas marginalizadas que fundaram e lutaram pelo primeiro governo proletário da história. Foram dois meses decisivos da história da França que serão narrados na forma de quadrinhos, procurando aproximar ao máximo o leitor do ambiente revolucionário.

Vautran faz um minucioso trabalho de pesquisa histórica para compor a trama, sendo possível identificar, em meios aos personagens fictícios, personalidades históricas que estiveram realmente presentes no movimento, como artistas, jornalistas e políticos. Pelos detalhes que coloca em sua narrativa é possível estabelecer paralelos entre a descrição de personagens e relatos contidos em fontes, como arquivos policiais da época, que foram analisados por Pamela Joan Stewart (2006) em sua tese de doutorado sobre a participação das mulheres na Comuna de Paris. Ao mesmo tempo em que a narrativa ficcional se desenrola, também são apresentados, de forma didática, episódios reais ocorridos durante a comuna, dando aos quadrinhos uma qualidade pedagógica sem quebrar o ritmo da narrativa.

Jacques Tardi, por sua vez, procura transportar o leitor para uma Paris do século XIX, com suas ruas, palácios e favelas. O próprio autor admite que não crê ter chegado à representação exata do que foi a Paris durante a Comuna, porque teve que se ater muito mais a relatos do que a imagens<sup>2</sup>. O testemunho registrado

---

<sup>2</sup> Jacques Tardi : "*J'ai mis au jour une tombe criblée de balles*". Disponível em: [http://www.lemonde.fr/culture/article/2005/08/17/jacques-tardi-j-ai-mis-au-jour-une-tombe-criblee-de-balles\\_680761\\_3246.html](http://www.lemonde.fr/culture/article/2005/08/17/jacques-tardi-j-ai-mis-au-jour-une-tombe-criblee-de-balles_680761_3246.html), acesso em 31/05/2013.



por meio de relatos em jornais ou documentos oficiais auxiliam o artista a compor o cenário, mas ele tem limites.

Os quadrinhos trabalham com imagem e, muitas vezes, transpor uma realidade ausente (do passado) para as páginas de uma história em quadrinhos exige que o artista/autor lance mão de sua imaginação para preencher algumas lacunas. Assim como o historiador, ele não possui, muitas vezes, todas as informações que precisa para compor o quadro que deseja ilustrar. A falta de evidências deve ser compensada pela habilidade narrativa e uma considerável dose de criatividade. Mas, apesar dessas limitações, bem características de quem trabalha com o passado, Tardi consegue nos trazer, com riqueza de detalhes, edifícios públicos e monumentos queimados ou destruídos durante a revolta pela própria população. Ele faz uma bela composição do cenário, que é um dos pontos fortes da série.



Figura 1 - O Grito do Povo, p. 79, vol. 01 (TARDI, 2005).

A pobreza da gente simples também aparece representada nos quadrinhos, seja pelos trajes da plebe, seja pela caracterização das suas habitações. Em muitos momentos, os quadrinhos trazem cenas de extrema pobreza, com favelas insalubres, crianças descalçadas brincando em meio ao esgoto a céu aberto. Cenas que contrastam com a imagem que se vendia da Paris das luzes, da cidade glamourosa que impressionou e atraiu artistas, filósofos e ativistas de todo o mundo.



Figura 2 - O Grito do Povo, p. 78, vol. 01 (TARDI, 2005).

Se há uma trama geral, que envolve diretamente alguns personagens, os quadrinhos trazem também representações bem distintas dos cidadãos da comuna e daqueles que a combatiam. Os quadrinhos apresentam tanto uma crítica social quanto um testemunho da história dos parisienses naqueles dois meses que duraram a comuna. Cenas de euforia e de desespero se misturam e o sentimento patriótico é o grande motor da revolta. O uso frequente de termos como cidadão-soldado é um exemplo disso.

Já nas primeiras páginas do volume 01 temos Paris sendo ameaçada pela chegada do exército. Os insurgentes se reúnem nas ruas em busca de notícias, que provocam as mais diversas reações. Já nesse momento, temos a presença marcante das mulheres, que são a maioria na multidão (Imagem III). São elas que convocam os cidadãos a lutar, são elas que instigam a turba.

A reação dos homens é inicialmente negativa. Eles questionam com que direito uma mulher pode se colocar à frente de homens e lhes dizer o que fazer. Em reação a isso, a mulher que lidera o protesto cita a heroína francesa Louise Michel, uma das líderes femininas da Comuna, e consegue assim o apoio dos demais. Uma passagem carregada de significados, uma representação da cidadã francesa politizada que, apesar de não ter direitos reconhecidos, agarra-se ao fato de possuir cidadania e, portanto, de defender sua Comuna.

77



Figura 3 - O Grito do Povo, p. 22, vol. 01 (TARDI, 2005).

O recurso do uso dessa personagem, anônima, uma mulher do povo acompanhada de sua filha remete à participação feminina nos motins. Relatos

policiais da época classificavam essas mulheres, que se colocam entre os homens e debatem abertamente com eles, em público, como perigosas. Sua presença nas multidões era observada com desconfiança. Sob elas cai o estigma de desordeiras, propensas a escândalos, delinquentes em potencial. Nesse primeiro volume da obra, que alude ao dia 18 de março, a presença feminina entre as multidões é destacada. Durante esse episódio há relatos da época sobre a participação de mulheres, inclusive, empurrando canhões (STEWART, 2006: 211).

A referência à revolucionária Louise Michel é pontual, na medida em que marca a presença e a força da mulher durante o movimento da Comuna de Paris. Louise Michel nasceu em 1830 e em 1851 formou-se professora. Participou de sociedades secretas republicanas e tornou-se militante política em 1856. Foi nessa época que escreveu vários romances nos quais predominavam temas sociais e políticos. Um dos seus escritos mais famosos foi, *Les microbes humains (Os micróbios humanos)*<sup>3</sup>.

Louise é o modelo da mulher soldado, que aparece com frequência nas páginas d'O Grito do Povo. Ela pega em armas, toma frente nos conflitos e lidera o povo quando necessário. É assim que Louise é representada em O Grito do Povo. Ela aparece em meio aos soldados, trajando um pesado casaco sobre o uniforme da Guarda Nacional e com sua carabina às mãos.

78

Era muito comum a participação das mulheres na Comuna de Paris, porém, a maioria delas atuava nas barricadas ou ambulâncias, Louise, por outro lado, colaborava com o socorro às vítimas e às barricadas (ela trabalhava na “Seção da Pátria em Perigo”, na comissão de vigilância de Montmartre e nas sociedades de socorro), mas dedicava-se de maneira intensa à luta armada no 61º Batalhão de Montmartre, corpo do exército de Eudes, como soldada. Inclusive ela chegou a relatar que nos dias de luta de 1871 raramente vestia-se com saias e vestidos, ao contrário, são comuns suas fotos, na iconografia da Comuna, com uniforme militar da Guarda Nacional e seus relatos sobre a utilização de uma espingarda e uma carabina (MENDES, 2011: 43).

A presença de Louise Michel nos quadrinhos de O Grito do Povo dura apenas algumas páginas, mas nelas se deixa clara a força da sua liderança e sua importância para o movimento. Ela não é apenas mais uma mulher soldado da

---

3 Louise Michel (1830-1905). Disponível em, <http://www.pco.org.br/publicacoes/mulheres/personalidades/louise.htm>, acesso em 30/05/2013



Comuna. Ela é uma comandante. Inicialmente, Louise apoiou a República, tendo participado da derrubada de Napoleão III. No entanto, os rumos tomados pelo novo governo, a rendição e o tratado de paz, fez com que Louise abraçasse o anarquismo e a causa libertária.



Figura 4 - O Grito do Povo, p. 29, vol. 01 (TARDI, 2005).

Quadro acima (imagem IV) ilustra o encontro de Louise com a população e outros líderes. Observe que o número de mulheres entre a multidão é significativo, tal como pode ser confirmado pelos relatórios policiais. Algumas empunham armas. Outras manifestam-se de forma exaltada. Louise é a personagem central. Nesse episódio de *O Grito do Povo*, ela nos é apresentada pelo relato do Inspetor Barthélemy, um dos personagens centrais da trama, que circula anonimamente entre a população.

Louise estava na mira da polícia, que possuía sobre ela registros detalhados. Assim, é possível entender a extensão da ação de mulheres como Louise e outras, anônimas, por meio das transcrições de interrogatórios policiais e relatórios, verdadeiros ensaios, sobre mulheres consideradas relevantes para a Comuna (STEWART, 2006: 135).

Num outro momento, temos o confronto entre os parisienses e o exército, que deseja reaver as dezenas de canhões que foram deixados com a Guarda Nacional para a defesa da capital contra os prussianos. Mais uma vez as mulheres estão à frente da turba. Há também crianças e idosos. A população representada pelos operários, às vésperas da proclamação da Comuna, arrisca-se frente ao exército francês. As mulheres chamam os soldados de traidores do povo e os convidam a desertar e a fazer parte do movimento.

Numa dessas passagens, surge uma das personagens principais do romance, a cantora italiana Gabriella Pucci, uma prostituta famosa pela sua beleza, conhecida em Paris como Caf Cong. Ela desfila cantando seminua à frente das fileiras de soldados. As mulheres vencem o exército francês oferecendo-lhes comida, vinho e a possibilidade de obter favores sexuais. Após longos meses de batalha contra os prussianos, famintos e desmotivados, os soldados desertam e se unem aos parisienses.

80



Figura 5 - O Grito do Povo, p. 44, vol. 01 (TARDI, 2005).

As prostitutas são personagens femininas com espaço significativo em *O Grito do Povo*. Elas são, ao lado das mulheres soldado, dois modelos de cidadãs colocados em evidência pelo autor. Gabrielle é uma das protagonistas. Passa por todo o tipo de provação e humilhação por conta da sua paixão por um capitão francês desertor, chamado Antoine Tarpagnan. Ela é exposta a todo o tipo de

violência física e moral.

Gabrielle sofre, também, com a violência simbólica. Ela é levada a aceitar seu destino, sua inferioridade enquanto mulher, perante aos homens. Ela se torna, a certo momento, passiva. Perde a vivacidade e alegria, obrigada a incorporar o discurso masculino. Ao fim, resta-lhe apenas o desejo de sobrevivência e as marcas de uma guerra civil que deixou dezenas de milhares de mortos.

A Comuna, dentro do espírito igualitário, torna a todos, homens e mulheres, independentemente de sua origem social, cidadãos. Assim, não é de se surpreender quando prostitutas como Gabrielle ingressam na resistência, seja como enfermeiras ou como soldados. É o caso de outra personagem Amélie, a Sarna, uma prostituta de luxo, que abandona o bordel para se tornar uma soldado. Amélie perde tudo aquilo que lhe dá significado à vida e, desiludida, passa para a luta armada contra os “burgueses”. Nesse contexto, não existem mais operárias, donas de casa ou prostitutas, todas se tornam cidadãs



81

Figura 6 - O Grito do Povo, p. 130, vol. 02 (TARDI, 2005).

Em *O Grito do Povo*, os autores têm a preocupação de representar essa grande variedade de mulheres que estava presente na Comuna e que defendia a república. Temos desde a mãe com a criança de colo - aparentemente sem um teto para se abrigar e que acaba vitimada durante a repressão à Comuna – até as enfermeiras e cantineiras. Mesmo que nem todas as mulheres de Paris tenham lutaram no *front*, isso não significa que elas não arriscavam suas vidas. Havia



aquelas que ajudavam a recolher os corpos, as enfermeiras que atendiam aos feridos em meio a barricadas, as patrulheiras que passavam as noites em vigília. Todas elas podiam se tornar alvo de atiradores.

As cidadãs-artilheiras, mulheres soldado, são responsáveis pela defesa da cidade e do ideal igualitário da Comuna. Seus nomes aparecem nas folhas de pagamento da Guarda Nacional e são observadas com interesse pelas autoridades (STEWART, 2006: 136). Ao lado de enfermeiras e cantineiras elas figuram entre as mulheres fortes, que se arriscam em meio à turba raivosa ou ao tiro cruzado. Uma dessas personagens é Lili, a cidadã-artilheira. Ela é uma das poucas mulheres da trama que consegue sair ilesa da revolta, apesar dos perigos que corre nas ruas de Paris ou no *front*. Isso se deve em parte à sua esperteza.

Capturada, ela usa de um artifício para fugir de ser fuzilada, beneficiada pelo fato de o oficial no comando não se sentir à vontade de fuzilar mulheres. O episódio da Semana Sangrenta, que representou o massacre da Comuna pelo exército francês, marca o fim do romance, que não se notabiliza pelos finais felizes. *O Grito do Povo* encerra a sua narrativa com uma mensagem que simboliza a defesa da igualdade entre homens e mulheres, o desejo de se construir uma França igualitária dentro dos moldes socialistas. No último quadrinho, Lili e Blanqui, sobreviventes da Comuna, aparecem lado a lado, representando a harmonia entre homens e mulheres na busca por uma sociedade mais justa.

A narrativa em si passa a ideia de que a Comuna foi um espaço democrático, onde homens e mulheres lutaram lado a lado. No entanto, a igualdade perante a lei não chegou a ser atingida. O voto era universal masculino. Tal como na Revolução Francesa, as mulheres foram bem vindas para lutarem e se sacrificarem em nome do dever cívico, mas os direitos de homens e mulheres ainda estavam longe de serem os mesmos.



Figura 7 - O Grito do Povo, p. 164, vol. 02 (TARDI, 2005).



E de fato, o fim da Comuna de Paris não representou o fim das lutas por uma sociedade mais justa. O movimento socialista cresceu e se expandiu na Europa na segunda metade do século XIX graças a participantes da Comuna, como Louise Michel e André Léo, que abraçaram a militância mesmo no exílio. Seus escritos apoiaram não apenas ideias e ações socialistas, mas o próprio movimento feminista, que tomou corpo nas décadas seguintes e foi responsável por importantes conquistas para as mulheres, não apenas na França, mas em outros continentes.

### **Considerações finais**

As Histórias em Quadrinhos na condição de fonte de pesquisa vêm ganhando espaço na academia. Elas podem servir como uma referência para um estudo mais profundo acerca de uma determinada temática ou mesmo reportar à sala de aula, como suporte ao aprendizado. Por sala de aula, deve ser entendido todo espaço destinado ao ensino, da educação básica às universidades.

Os quadrinhos, como produto da cultura material, podem ser um testemunho de uma época, produto de um contexto histórico específico, e conter representações que vão muito além das concepções de seus autores. Como todo documento, eles dialogam com o leitor.

O campo de pesquisa aberto pelos quadrinhos tem crescido nas últimas décadas e se revelado desafiador. Pesquisadores renomados já voltaram seus olhos para essa fonte, em suas análises iconográficas. Vale citar a exemplo, Michel Volvelle, historiador das mentalidades, que utilizou os quadrinhos como fonte para analisar as representações da morte e do além-mundo, comparando material produzido nos Estados Unidos e na Europa (VOLVELLE, 1997).

A adaptação de Jacques Tardi do romance *O Grito do Povo* traz representações da mulher guerreira, da mulher cidadã. Embora não tenha sido produzido no contexto dos acontecimentos da Comuna de Paris, ele é documento rico em detalhes e consegue trazer à tona personagens que há muito tempo têm sido marginalizados pela historiografia. A partir dos desenhos de Tardi, é possível, também, compor um quadro mais amplo do que foi a cidade de Paris durante a Comuna.

Suas personagens femininas singulares, em sua maioria fictícias, poderiam representar mulheres de carne e osso, que vivenciaram situações parecidas e presenciaram os horrores que se seguiram aos primeiros dias de euforia com a

proclamação da Comuna de Paris. Mulheres do povo para quem o espaço público e privado se confundem.

As mulheres não foram personagens ausentes da história. Esse é um ponto que não se coloca mais em discussão. O que a historiografia tem buscado atualmente é apontar a extensão da sua participação nos diversos momentos da história. Elas têm saído das sombras e, contrariando o discurso produzido e reproduzido pela sociedade machista, as mulheres vêm se apresentando de formas extraordinárias nos mais variados tempos, nas mais variadas situações.

Se as representações que foram reproduzidas nos livros de história e nos romances produzidos nos últimos dois séculos trouxeram heroínas idealizadas, quase que se aproximando da perfeição, a história tem nos mostrado que a realidade era bem diferente. Havia muitas mulheres. Aquelas que foram abandonadas pelos maridos e que trabalhavam para sustentar sua casa e seus filhos; viúvas que conquistaram respeito e voz ativa em suas comunidades; mulheres solteiras que sonhavam com muito mais do que um casamento arranjado e uma vida dedicada ao lar.

84 O padrão da dona de casa, esposa e mãe, é claro, predominava em muitos lares, principalmente nos mais abastados. Quando maior o status social e/ou financeiro uma família possuía, maior era o rigor e o controle sobre a mulher. Mas, é importante entender que esse padrão desejável de comportamento feminino não era uma regra geral. As mulheres foram e são personagens tão ativos e combativos quanto seus pares do sexo masculino. E elas provaram isso em vários episódios, sejam eles dignos ou não de nota pela história.

Categorias, padrões, parâmetros nunca são únicos nem são tão rígidos que não permitam ou possam impedir o surgimento de viver e pensar alternativas. Claro que, uma vez que são impositivos, eles se afirmam absolutos e a sociedade, na forma das suas elites, de seus grupos dirigentes, impõe a vigilância, pune a transgressão e apaga a memória. Pobres, negros, indígenas, mulheres. Muitos foram os grupos cujas ações foram silenciadas e que na atualidade têm visto despertar sua memória nos anais da História.

### **Referências Bibliográficas**

BAKUNIN, Mikhail. A comuna de Paris e a noção de estado. *Verve*, n. 10: 75-100, 2006. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5433>, acesso em 29/05/2013.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, 160 p.

CIRNE, Moacy da Costa. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. Petrópolis, Vozes, 1972, 104p.

EICHNER, Carolyn J. *Vive la Commune! Feminism, Socialism, and Revolutionary Revival in the Aftermath of the 1871 Paris Commune*. Indiana University Press, vol. 15 no. 2 (summer), 2003. Disponível em: <http://zip.net/bnlBVz>, acesso em 17/11/2013.

EISNER, Will. *Narrativas Gráficas de Will Eisner*. 2ª Ed. – São Paulo: Devir, 2008, 176p.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela-Guerreira*. São Paulo: SENAC, 1998, 247p.

Jacques Tardi : “*J’ai mis au jour une tombe criblée de balles*”. Disponível em: <http://zip.net/bxlC1Q>, acesso em 31/05/2013.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001, 454p.  
Louise Michel (1830-1905). Disponível em <http://zip.net/bplCNp>, acesso em 30/05/2013.

85

MENDES, Samanta Colhado. A Comuna de Paris segundo Louise Michel. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 118: 37-45, 2011.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005, 520p.

STEWART, Pamela Joan. *Invisible Revolutions: Women’s Participation in the 1871 Paris Commune*. A Dissertation Submitted to the Faculty of the Department of History in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the Graduate College the University of Arizona, 2006.

TARDI, Jacques. *O Grito do Povo*, Vol. 01. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005, 174p.

----- *O Grito do Povo*, Vol. 02. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005, 165p.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmagorias e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Ática, 1997, 407p.